

LIBERAL  
AMAZON

Use a câmera do seu celular para acessar o conteúdo multimídia.



Cobertura  
**COP30**  
OLIBERAL



CONFERÊNCIA DAS PARTES

# "COP DA FLORESTA" MARCA OS 30 ANOS DE NEGOCIAÇÕES SOBRE O CLIMA

**BELÉM** - As expectativas para a COP 30, que começa amanhã, apontam para avanços no financiamento climático e para a implementação de medidas mais concretas e ambiciosas para conter o aquecimento global

**A** 30ª edição da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, a COP 30, começa amanhã (10) em Belém. Após discussões prévias

**ÁDRIA AZEVEDO**  
Especial para O Liberal

realizadas durante a Cúpula dos Líderes na semana passada, nos dias 6 e 7, se iniciam de fato as negociações previstas entre os países que fazem parte da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC).

Mas você sabe de fato o que é uma COP, seus mecanismos e objetivos? Conhece as decisões mais importantes já tomadas pelos países participantes ao longo de 30 anos de história? E tem ideia do que é esperado para a primeira edição realizada no Brasil e na Amazônia?

**HISTÓRIA**

Tudo começou aqui mesmo, no Brasil. Em 1992, a Conferência das

Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, que ficou conhecida como Rio 92 ou Eco 92, estabeleceu a UNFCCC. Isso criou as bases para a realização da primeira COP sobre Mudanças do Clima, em 1995, em Berlim, na Alemanha.

De acordo com a professora do curso de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Pará (Uepa) Mayane Bento, a Rio 92 e a primeira COP foram respostas da política internacional sobre as mudanças do clima, que já vinham sendo apontadas pela comunidade científica, desde a década de 80, como uma grande ameaça.

"A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima é uma



RAWIO CONTEUTE / O LIBERAL



## CONFERENCE OF THE PARTIES

# “Forest COP” marks 30 years of climate negotiations

**BELÉM** - Expectations for COP 30, which begins tomorrow, point to progress in climate financing and the implementation of more concrete and ambitious measures to curb global warming.

**ÁDRIA AZEVEDO**

Especial for O Liberal. Translated by Lucas Araújo; Sílvia Benchimol and Ewerton Branco

The 30th United Nations Climate Change Conference, COP 30, begins tomorrow (10) in Belém. Following preliminary discussions held during the Leaders' Summit last week, on November 6 and 7, formal negotiations will now begin among the countries that are parties to the United Nations Framework Convention on Climate Change (UNFCCC).

But do you actually know what a COP is, how it works, and what its mechanisms and goals are? Do you know the most important decisions made by participating countries over the past 30 years of negotiations? And do you have any idea what is expected from the first edition to be held in Brazil and in the Amazon?

## HISTORY

It all began right here in Brazil. In 1992, the United Nations Conference on Environment and Development, held in Rio de Janeiro, known as the Rio 92, Eco 92 or Earth Summit established the UNFCCC. This laid the groundwork for the first Conference of the Parties (COP) on Climate Change, held in 1995 in Berlin, Germany.

According to Professor Mayane Bento, from the International Relations program at the Pará State University (Uepa), Rio 92 and the first COP were international political responses to climate change, which had already been identified by the scientific community since the 1980s as a major threat.

“The United Nations Framework Convention on Climate Change is a sort of umbrella under which member States, on a voluntary basis, agree on certain premises such as the idea of common responsibility for climate change, although in differentiated ways, meaning that some are more responsible than others. Therefore, the Conference of the Parties represents this political response to international documents, agreements, and treaties, bringing together efforts so that all those responsible for and affected by climate change can adopt joint actions,” explains the professor.

After its first edition in Berlin, the COP has been held annually in different cities, except for the year 2020, due to the COVID-19 pandemic.

## HIGHLIGHT

Among all editions, some deserve special attention for the proposals presented or the results achieved. According to Mayane Bento, the main highlights are COP 3, held in 1997 in Kyoto, Japan, and COP 21, in 2015 in Paris, France. These conferences resulted in the creation of the Kyoto Protocol and the Paris Agreement.

The Kyoto Protocol established greenhouse gas reduction targets for the so-called developed countries. The agreement could only enter into force if it was ratified by at least 55 countries, accounting for 55% of global emissions. For this reason, the Protocol only came into effect in 2005, when Russia ratified it, thus meeting the required conditions.

The Paris Agreement marked a significant step forward from the negotiations initiated under the Kyoto Protocol, establishing that all nations, not only the most industrialized ones, must take part in the global effort to address climate change. In total, 195 countries ratified the document, which came into force in 2016. Under the agreement, global warming should be kept well below 2°C above pre-industrial levels, with continued efforts to limit the temperature rise to 1.5°C. “The fact is that, between 2023 and 2024, we have already surpassed the 1.5°C mark. This shows that current measures are still not enough to curb climate change”, laments Mayane Bento.

espécie de guarda-chuva em que os Estados componentes, de maneira voluntária, concordam com algumas premissas, como a ideia de responsabilidade comum sobre as mudanças climáticas, mesmo que de formas diferenciadas, ou seja, alguns mais responsáveis do que outros. Então, a Conferência das Partes é essa resposta política frente a documentos, acordos e tratados internacionais, para unir esforços para que todos os responsáveis e afetados pela mudança do clima possam adotar ações conjuntas”, explica a docente.

Após a primeira edição, em Berlim, a COP ocorreu anualmente, em diferentes cidades, com exceção do ano de 2020, por conta da pandemia de covid-19.

## DESTAQUES

Dentre todas as edições, algumas merecem atenção especial, pelas propostas apresentadas ou resultados obtidos. Para Mayane Bento, os maiores destaques ficam com a COP 3, de 1997, em Kyoto, no Japão, e a COP 21, de 2015, em Paris, na França. Nelas, foram criados o Protocolo de Kyoto e o Acordo de Paris.

O Protocolo de Kyoto estabeleceu metas de redução de gases do efeito estufa para os chamados países mais desenvolvidos. O acordo só poderia entrar em vigor se fosse ratificado por, no mínimo, 55 países, responsáveis por 55% das emissões de gases. Por isso, o Protocolo só passou a vigorar de fato em 2005, quando a Rússia ratificou e satisfez as

condições necessárias.

Já o Acordo de Paris foi um avanço das negociações do Protocolo de Kyoto, definindo que todas as nações, e não apenas os países mais industrializados, deveriam participar do enfrentamento às mudanças climáticas. Ao todo, 195 países ratificaram o documento, que entrou em vigor em 2016. Segundo o acordo, o aquecimento global deveria ser limitado a um nível abaixo de 2°C em relação aos níveis pré-industriais, com esforço para limitá-lo a 1,5°C. “A questão é que, entre os anos de 2023 e 2024, a gente já superou essa medida de 1,5°C. Então, isso demonstra que as ações atuais não estão sendo suficientes para combater a mudança do clima”, lamenta Mayane Bento.

**Em 1992**, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, estabeleceu a UNFCCC. Isso criou as bases para a realização da primeira COP sobre Mudanças do Clima, em 1995, em Berlim, na Alemanha.

**In 1992**, the United Nations Conference on Environment and Development, held in Rio de Janeiro, established the UNFCCC. This laid the groundwork for the first Conference of the Parties (COP) on Climate Change, held in 1995 in Berlin, Germany.

# DECISÕES RELEVANTES DE COPS MAIS RECENTES

Alexandre Prado, líder em Mudanças Climáticas do WWF-Brasil, representação brasileira da organização de conservação ambiental mundial, destaca o que ele considera as decisões mais importantes das COPs mais recentes, de 2021 a 2024.

“A COP 26, em Glasgow, na Escócia, em 2021, foi muito marcada pela discussão da necessidade de fazer uma transição dos combustíveis fósseis, a transição energética. Isso resultou, dois anos depois, na COP 28, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, em um acordo para a redução gradual do uso dos combustíveis fósseis, buscando atingir a neutralidade das emissões até 2050, com a transição energética para fontes renováveis e limpas. Outro ponto acordado foi a eliminação do desmatamento até 2030”, pontua.

“Já na COP 27, em Sharm el-Sheikh, no Egito, em 2022, o acordo mais importante foi a criação do Fundo de Perdas e Danos, um mecanismo de financiamento dos países mais desenvolvidos para os menos desenvolvidos e mais vulneráveis, que já estão so-

frendo perdas por conta das mudanças climáticas. É uma medida compensatória, considerando que os países mais desenvolvidos já emitiram muitos gases do efeito estufa por 200 anos, desde a industrialização, e por isso devem ajudar os países que emitiram menos, para que tenham uma reparação”, completa Prado.

Mayane Bento ressalta que, na COP 29, no ano passado, em Baku, no Azerbaijão, um dos destaques foi a mudança no valor anual definido para repasse dos países mais desenvolvidos para financiar as medidas de mitigação, adaptação e perdas e danos dos países em desenvolvimento. “O valor estipulado até então era de 100 bilhões de dólares anuais e Baku teve um sucesso claro em aumentar esse valor para 300 bilhões. O problema é que o Balanço Global, que avalia o que se conseguiu alcançar do Acordo de Paris, aponta que existe uma lacuna, porque é necessário mais de um trilhão para alcançar a meta de limitar o aumento da temperatura. Esse certamente será um ponto abordado na Conferência em Belém”, adianta a docente.

## Chegar a consensos desafia países

Ao longo da história das COPs, houve avanços, mas também vários impasses, como a dificuldade de chegar a consensos, demora na ratificação dos compromissos, recusa de países a entrar nos acordos ou mesmo abandono do acordo, a exemplo dos Estados Unidos, um dos países que mais emitem gases do efeito estufa e que anunciaram, neste ano, a saída do Acordo de Paris.

A professora de Relações Internacionais Mayane lembra que, apesar de a ciência saber que as mudanças climáticas são danosas à sobrevivência da humanidade, o sistema internacional se organiza de maneira fragmentada. “Os Estados são autônomos e independentes, e tomam suas decisões de forma soberana. É difícil que esses atores consigam chegar a consensos, quando estão habituados a agir em defesa da sua própria população, e não em função de um bem comum da humanidade. Além disso, há a complexidade da própria agenda climática, que toca diretamente em uma série de elementos já cristalizados na forma de ver o mundo. Combater as mudanças do clima modifica nosso modo de produzir, de consumir. E isso se torna um desafio, porque significa perder alguns privilégios, adotar

medidas que, de imediato, possam ser desvantajosas economicamente”, analisa.

A docente complementa que há discordâncias entre os países. “Os mais desenvolvidos têm interesses diferentes dos países em desenvolvimento. A Nicarágua, por exemplo, acredita que a responsabilidade é do conjunto de 12 países que representam quase 70% da emissão dos gases do efeito estufa. E o impacto das mudanças climáticas muitas vezes é muito maior e mais danoso para os países em desenvolvimento. São fatores complexos para o alcance de consenso, que é a forma de tomada de decisão no âmbito das COPs”, reflete.

Alexandre Prado aponta que a dificuldade do consenso advém da diversidade, já que são 198 países diferentes. “Imagine dez pessoas em uma mesa de jantar tentando definir como vamos estar daqui a dez, quinze anos. Já seria difícil concordarem, mesmo sendo pessoas amigas. Imagine então mais de 190 países que não são necessariamente amigos. Há aqueles que ganharam e ainda ganham muito com a matriz econômica como está. Os que estão perdendo obviamente querem mudar, mas os que estão ganhando, não necessariamente”, avalia.



Na COP29, no ano passado, em Baku, no Azerbaijão, um dos destaques foi a mudança no valor anual definido para repasse dos países mais desenvolvidos para financiar as medidas de mitigação, adaptação e perdas e danos dos países em desenvolvimento

At COP29, held last year in Baku, Azerbaijan, one of the main highlights was the change in the annual amount to be transferred from developed countries to finance mitigation, adaptation, and loss and damage measures in developing nations.



## Relevant Decisions from Recent COPs

Alexandre Prado, Climate Change Leader at WWF-Brazil, the Brazilian branch of the world's leading environmental conservation organization, highlights what he considers the most significant decisions from the recent COPs held between 2021 and 2024.

“The COP 26, held in Glasgow, Scotland, in 2021, was notably marked by discussions on the need to transition away from fossil fuels, emphasizing energy transition. Two years later, this resulted in the COP 28, in Dubai, United Arab Emirates, where an agreement was reached to gradually reduce the use of fossil fuels, aiming to achieve net-zero emissions by 2050 through a shift to renewable and clean energy sources. Another key

commitment established was the elimination of deforestation by 2030,” she explains.

“At COP 27, held in Sharm el-Sheikh, Egypt, in 2022, the most significant agreement was the creation of the Loss and Damage Fund, a financing mechanism through which more developed nations support less developed and more vulnerable countries that are already experiencing losses caused by climate change. It is a compensatory measure, considering that developed countries have been emitting greenhouse gases for over 200 years, since the Industrial Revolution, and therefore should assist those that have emitted less, ensuring a form of reparation,” Prado concludes.

Mayane Bento points out that

## Reaching consensus challenges nations

Throughout the history of the COPs, there have been significant advances but also numerous impasses, such as the difficulty in reaching consensus, delays in ratifying commitments, refusals by some countries to join agreements, and even withdrawals from them. A notable example is the United States, one of the world's largest greenhouse gas emitters, which announced its withdrawal from the Paris Agreement earlier this year.

Professor of International Relations Mayane points out that, although science has long recognized that climate change poses serious threats to humanity's survival, the international system remains fragmented. “States are autonomous and independent, making their decisions in a sovereign manner. It is difficult for these actors to reach consensus when they are used to acting

in defense of their own populations rather than for the common good of humanity. Furthermore, the climate agenda itself is highly complex, as it directly affects deeply ingrained aspects of how we view the world. Combating climate change requires us to alter our modes of production and consumption, which becomes a challenge because it means giving up certain privileges and adopting measures that may seem economically disadvantageous in the short term,” she explains.

The professor adds that there are disagreements among countries. “Developed nations have interests that differ from those of developing countries. Nicaragua, for instance, believes that responsibility lies with the group of 12 nations that account for nearly 70% of greenhouse gas emissions. Moreover, the impacts of climate change

at COP 29, held last year in Baku, Azerbaijan, one of the main highlights was the change in the annual amount to be transferred from developed countries to finance mitigation, adaptation, and loss and damage measures in developing nations. “The amount previously set was 100 billion dollars per year, and Baku achieved a clear success by increasing this figure to 300 billion. The problem is that the Global Stocktake, which assesses progress toward the Paris Agreement goals, indicates there is still a gap, as more than one trillion dollars are needed to meet the target of limiting temperature rise. This will certainly be one of the key issues discussed at the Conference in Belém,” the professor anticipates.

are often far greater and more harmful for developing nations. These are complex factors that make reaching consensus a key decision-making mechanism within the COPs,” she observes.

Alexandre Prado points out that the difficulty in reaching consensus stems from diversity, as 198 different countries take part in the discussions. “Imagine ten people sitting around a dinner table trying to decide what things will be like ten or fifteen years from now. It would already be difficult for them to agree, even if they were friends. Now imagine more than 190 countries that are not necessarily friendly with one another. Some have benefited and continue to benefit greatly from the current economic structure. Those who are losing, of course, want change, but those who are winning do not necessarily share that desire,” he observes.



# OTIMISMO CERCA A COP 30

Para Mayane Bento, os pontos mais esperados para a COP de Belém são as agendas de financiamento, perdas e danos, adaptação, mitigação e a atuação de entidades subnacionais, como os estados, a exemplo do Pará. “Há uma perspectiva otimista, principalmente porque a Conferência ocorre no Brasil, na Amazônia. Já são dez anos do Acordo de Paris e há uma perspectiva que essa COP permita negociar elementos mais burocráticos, para de fato garantir a implementação de projetos, políticas, medidas concretas no combate às mudanças climáticas. Por isso, se fala em COP da implementação”, argumenta.

“Por outro lado, o que abala um pouco o otimismo é a atual conjuntura geopolítica. A ausência dos Estados Unidos no Acordo de Paris, o contexto de conflito na Europa, a guinada de uma extrema direita que defende o negacionismo climático podem ser freios em relação às expectativas positivas”, avalia a professora.

Já Prado ressalta que a

COP trará uma discussão de ambição, sobretudo frente ao Relatório de Síntese das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) das Nações Unidas, divulgado no fim de outubro. As NDCs são as políticas e decisões de cada nação para alcançar a redução de emissões de gases do efeito estufa. O relatório aponta que as metas atuais dos países estão muito aquém do necessário para limitar a redução do aquecimento global.

“Uma das coisas que a COP 30 deve entregar, olhando para o cumprimento do Acordo de Paris, olhando para as NDCs que estão na mesa e o tamanho do buraco, é o quanto precisa aumentar a ambição. De acordo com o relatório, o número final das NDCs avaliadas é de uma redução de emissões de 17% até 2035, mas o necessário seria 60%. Outros itens da agenda envolvem os indicadores de adaptação climática, transição energética e, obviamente, a questão do financiamento: o mapa do caminho para chegar ao 1,3 bilhão de dólares necessários”, aponta o ambientalista.

## Amazônia como símbolo dos desafios

Para Prado, a realização de uma COP na Amazônia tem um peso simbólico gigante. “Isso ressalta a importância da floresta amazônica para a estabilização do clima no planeta. A gente fala que é uma COP na floresta e temos certeza que a agenda da floresta sairá diferente dessa COP, com o que está sendo proposto pelo Brasil e outros países, como a meta de eliminar o desmatamento até 2030 e de conservação e restauração florestal, olhando para as populações indígenas e quilombolas. É uma COP em que a importância da floresta para a mudanças do clima

vai entrar de um jeito e sair de outro”, opina.

Para Mayane, a COP na Amazônia tem, primeiramente, uma função pedagógica, porque dá visibilidade à agenda climática na região. “Serve como uma forma de esclarecimento. Mas ela acontecer na Amazônia é também um paradoxo, porque é uma região que enfrenta sérios desafios ambientais, como o desmatamento. Ela é tanto um espelho do que a gente precisa preservar, mas também um espelho de destruição. É um símbolo dos desafios que o combate às mudanças climáticas representam”.



“Já são dez anos do Acordo de Paris e há uma perspectiva que essa COP permita negociar elementos mais burocráticos, para de fato garantir a implementação de projetos, políticas, medidas concretas no combate às mudanças climáticas. Por isso, se fala em COP da implementação”, diz a professora Mayane Bento.

“It has been ten years since the Paris Agreement, and there is hope that this COP will enable the negotiation of more bureaucratic aspects to actually ensure the implementation of concrete projects, policies, and measures to combat climate change. That is why it is being referred to as the Implementation COP,” says Professor Mayane Bento.



## Optimism surrounds COP 30

For Mayane Bento, the most awaited issues for the Belém COP include the agendas on climate finance, loss and damage, adaptation, mitigation, and the participation of subnational entities such as states, with Pará as an example. “There is an optimistic outlook, especially because the Conference is taking place in Brazil, in the Amazon. It has been ten years since the Paris Agreement, and there is hope that this COP will enable the negotiation of more bureaucratic aspects to actually ensure the implementation of concrete projects, policies, and measures to combat climate change. That is why it is being referred to as the Implementation COP,” she explains.

“On the other hand, what slightly tempers this optimism is the current geopolitical context. The absence of the United States from the Paris Agreement, the ongoing conflict in Europe, and the rise of a far-right movement that promotes climate denialism may serve as obstacles to the more positive expectations,” the Professor assesses.

Prado, emphasizes that COP 30 will bring forward a discussion on ambition, especially in light of the United Nations’ Synthesis Report on Nationally Determined Contributions (NDCs), released at the end of October. The NDCs represent each nation’s policies and commitments to reduce greenhouse gas emissions. The report indicates that current national targets fall

far short of what is needed to limit global warming effectively.

“One of the key outcomes expected from COP 30, in view of the implementation of the Paris Agreement, the NDCs currently on the table, and the size of the gap, is to determine how much greater the level of ambition needs to be. According to the report, the final figure for the assessed NDCs corresponds to a 17% reduction in emissions by 2035, whereas what is actually required is a 60% reduction. Other items on the agenda include climate adaptation indicators, energy transition, and, of course, the issue of financing: the roadmap to reach the 1.3 trillion dollars needed,” the environmentalist notes.

## The Amazon as a symbol of challenges

For Prado, hosting a COP in the Amazon carries a huge symbolic weight. “It highlights the importance of the Amazon rainforest for the stabilization of the planet’s climate. We often refer to it as a COP in the forest, and we are certain that the forest agenda will emerge differently from this conference, given what is being proposed by Brazil and other countries, such as the goal of eliminating deforestation by 2030 and advancing

forest conservation and restoration, with attention to Indigenous and quilombola communities. This is a COP where the importance of the forest to climate change will enter in one way and come out in another,” he observes.

For Mayane, holding the COP in the Amazon has, first and foremost, a pedagogical function, as it brings visibility to the climate agenda in the region.

“It serves as a form of awareness-raising. But its being held in the Amazon is also a paradox, since it is a region facing serious environmental challenges such as deforestation. It is both a mirror of what we need to preserve and a mirror of destruction. It stands as a symbol of the challenges that the fight against climate change represents,” she explains.



### PARCERIA INSTITUCIONAL

A produção do Liberal Amazon é uma das iniciativas do Acordo de Cooperação Técnica entre o Grupo Liberal e a Universidade Federal do Pará. As reportagens que envolvem pesquisas e estudiosos da UFPA são revisadas por profissionais da academia. A tradução do conteúdo é também realizada pelo acordo, através do projeto de pesquisa ET-Multi: Estudos da Tradução: multifaces e multisemioses.

### INSTITUTIONAL PARTNERSHIP

The production of Liberal Amazon is one of the initiatives of the Technical Cooperation Agreement between the Liberal Group and the Federal University of Pará. The articles involving research from UFPA are revised by professionals from the academy. The translation of the content is also provided by the agreement, through the research project ET-Multi: Translation Studies: multi-faces and multisemiotics.